

MATERNIDADE DIGITAL: SUBJETIVIDADE E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Camila Martins Rosa¹;

¹Centro Universitário Faculdade das Américas (FAM), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/7504278209557360>

Claudia Rios²;

²Centro Universitário Faculdade das Américas (FAM), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/6468527921875392>

Jonatas Andrade Pinheiro³.

³Centro Universitário Faculdade das Américas (FAM), São Paulo, SP.

<https://lattes.cnpq.br/4348872432255021>

RESUMO: As redes sociais digitais ocupam lugar central na contemporaneidade e vêm produzindo transformações significativas nos modos de subjetivação, especialmente na experiência da maternidade. Este estudo teve como objetivo compreender a subjetividade materna e o sofrimento psíquico no contexto das redes sociais, considerando seus efeitos potencialmente prejudiciais e suas possibilidades de apoio e construção coletiva de sentidos. Trata-se de um estudo bibliográfico, de natureza teórico-crítica, desenvolvido a partir da análise de produções científicas e bibliográficas localizadas nas bases SciELO, LILACS, PubMed e ScienceDirect. A análise articulou contribuições da psicanálise, das neurociências e das ciências sociais e políticas. Os resultados indicam que a maternidade permanece atravessada por construções sociais que reforçam expectativas idealizadas relacionadas à figura da “boa mãe”. As redes sociais intensificam essas expectativas ao disseminarem padrões idealizados de maternidade, corpo, parto, amamentação e cuidado, favorecendo processos de comparação, culpa, insegurança, ansiedade e sofrimento psíquico. Entretanto, também podem constituir espaços de acolhimento, compartilhamento de experiências, denúncia de violências e construção de redes de apoio. Conclui-se que as redes sociais exercem papel relevante na construção da subjetividade materna, sendo necessária uma perspectiva crítica e estratégias de psicoeducação que reconheçam a singularidade e a complexidade da experiência materna.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Subjetividade. Redes Sociais.

ABSTRACT: Digital social networks occupy a central place in contemporary society and have brought about significant transformations in modes of subjectivation, particularly in the experience of motherhood. This study aimed to understand maternal subjectivity and psychological distress in the context of social networks, considering their potentially harmful effects as well as their possibilities for support and collective meaning-making. This is a bibliographic study of a theoretical-critical nature, based on the analysis of scientific and bibliographic literature retrieved from the SciELO, LILACS, PubMed, and ScienceDirect databases. The analysis incorporated contributions from psychoanalysis, neuroscience, and the social and political sciences. The results indicate that motherhood remains shaped by social constructions that reinforce idealized expectations associated with the figure of the “good mother.” Social networks intensify these expectations by disseminating idealized standards of motherhood, body image, childbirth, breastfeeding, and caregiving, fostering processes of comparison, guilt, insecurity, anxiety, and psychological distress. However, they may also constitute spaces for emotional support, experience sharing, reporting violence, and building support networks. It is concluded that social networks play a significant role in the construction of maternal subjectivity, highlighting the need for a critical perspective and psychoeducational strategies that recognize the uniqueness and complexity of the maternal experience.

KEYWORDS: Motherhood. Subjectivity. Social Media.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito discutir a crescente presença das redes sociais na contemporaneidade e seus impactos significativos nos modos de subjetivação, especialmente no que se refere à experiência da maternidade. Usaremos o conceito de subjetividade proposto por Putnam (2022) que define como uma subjetividade digital que informa e passa a ser informada pelas tecnologias digitais, sendo percebida como um “eu em rede”, caracterizado por relações assimétricas de poder, que coloca o sujeito, no caso aqui a mulher-mãe, como um sujeito pensado, informado e construído via algoritmo. Serão abordados elementos que atravessam a subjetividade da mulher dentro da sua condição de mãe em seu contexto sociocultural, de identidade, imperativos e relações. Como afirma Butler (2021) o corpo materno existe estando situado em suas relações de alteridade.

O presente trabalho faz uma reflexão acerca das implicações de um mecanismo de alteridade situado no digital, quando esse outro, é um algoritmo, essa era contemporânea que se nomeia como “*figital*” termo emprestado pelo professor e cientista Silvio Meira, quando destaca que temos nos tornado seres híbridos e “figitais”, isto é, seres que existem entre o mundo físico, digital e social, e isso muda a percepção de quem somos, as conexões que

fazemos e até mesmo a nossa forma de estar no mundo, não apenas em corpo de carne, mas em um corpo eletrônico que confere um eu. (TECNOLOGIAS, 2025). O que nos leva a pensar que os ambientes digitais configuram-se como espaços de compartilhamento de vivências, construção identitária e produção de sentidos, nos quais mães passam a expor e ressignificar suas experiências, o que pode levar ao comprometimento da autonomia do *dever materno* (entendido como um processo singular de tornar-se mãe), em favor da adesão do imperativo da “boa mãe”, boa esposa e mulher que permanece com um corpo desejável e desejante em sua busca de retomar seu “ser mulher” e que não considera seu processo subjetivo complexo e nem endereça suas ambivalências.

A autora Elizabeth Badinter em seu mais clássico livro “Um Amor Conquistado” (1985) e o mais recente “O Conflito” (2011), nos fala do mito do amor materno, da relação mãe x mulher, bem como a autora Vera Iaconelli em seu livro “Manifesto Antimaternalista” (2023) e “Criar Filhos no Século XXI” (2019), essas obras reforçam a ideia de que o amor materno não é um instinto inato, mas um sentimento conquistado, ou seja, construído e profundamente atravessado por imperativos ao longo da história. Assim como Simone de Beauvoir em sua célebre frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1967), assim também acontece com a maternidade, não se nasce sabendo ser mãe, mas aprende-se a ser e esse aprender a se mãe nos dias atuais se baseia muitas vezes na era digital.

Esse estudo justifica-se pela necessidade de compreender como a crescente imersão em ambientes digitais têm reconfigurado a experiência da maternidade, deslocando a construção da subjetividade materna do campo relacional e sociocultural para o campo do digital, muitas vezes ditando padrões inalcançáveis que geram adoecimento e culpa, o que contribui para futuras pesquisas sobre maternidade e cultura digital, colaborando no entendimento do impacto das redes sociais na saúde mental das mães.

OBJETIVO

Entender a experiência da subjetividade materna e sofrimento psíquico a partir da dinâmica digital das redes sociais, considerando tanto seus efeitos potencialmente prejudiciais quanto suas possibilidades de apoio e construção coletiva de sentido.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, de natureza teórico-crítica, desenvolvido a partir do levantamento, seleção e análise de produções científicas e bibliográficas pertinentes ao problema de pesquisa. O corpus teórico foi constituído por livros e artigos científicos localizados em bases de dados acadêmicas, incluindo *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (Lilacs) *National Library of Medicine* (PubMed) e *Science, Health and Medical Journals* (ScienceDirect) bem como por obras de referência dos campos teóricos mobilizados ao longo da investigação. A

seleção do material considerou sua pertinência e contribuição conceitual para a compreensão do objeto de estudo, tendo como eixo norteador a subjetividade materna e o sofrimento psíquico no contexto contemporâneo das redes sociais digitais.

A análise foi conduzida por meio de uma interlocução interdisciplinar entre diferentes campos de produção do conhecimento, incluindo a psicanálise, as neurociências e as ciências sociais e políticas. A mobilização desses referenciais não teve como finalidade produzir uma síntese ou unificação entre perspectivas epistemologicamente distintas, mas estabelecer uma articulação teórico-crítica capaz de contemplar diferentes dimensões do fenômeno investigado. Assim, cada perspectiva foi mobilizada segundo sua contribuição específica para a compreensão de aspectos subjetivos, psíquicos, neurobiológicos, sociais, de gênero, políticos e culturais implicados na experiência da maternidade mediada pelas redes sociais.

Nos critérios de exclusão foram descartados artigos e estudos duplicados, títulos sem proximidade ao tema focal e publicações sem teor científico ou faltando o texto completo.

Nos critérios de inclusão foram considerados nove artigos científicos, oito e-books, um livro físico e um recurso audiovisual, onde abordam temas como “Redes Sociais”, “Mulheres”, “Mães”, “Subjetividade”, “Maternidade”, “Sofrimento Psíquico”, “Saúde Mental”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os autores evidenciam que a subjetividade da mulher que se torna mãe é permeada por uma construção social que contribui para consolidar a maternidade como destino natural feminino, reforçando expectativas irreais que ainda reverberam na contemporaneidade, como enfatizam (IACONELLI, 2023; CONABOY, 2024).

No contexto atual, as redes sociais intensificam esses processos ao ampliarem a circulação de conteúdos que reforçam ideais maternos. Conforme apontam Bonesso e Auriani, “a propagação da maternidade romanceada nas mídias reproduz uma idealização da sociedade desse momento na vida da mulher” o que nos leva a entender que está diretamente associada à produção de sofrimento, uma vez que “as cobranças e culpa atreladas a esta idealização podem gerar opressão, angústias e dores, causando sérias consequências em suas vidas” (BONESSO; AURIANI, 2022, p. 60).

Os autores dialogam com Badinter (1985, p. 10) que nos fala de um amor imensurável pelos filhos e não amá-los em tempo integral e incondicionalmente, seria considerado quase como uma monstruosidade para uma mãe. Segundo a autora, na contemporaneidade, não é mais possível sustentar a ideia de que ter filhos seja um destino inevitável na vida de uma mulher. Nesse sentido, a autora argumenta que nem mesmo o amor pelos filhos, quando eles existem, pode ser tomado como uma consequência garantida ou algo inato da maternidade. Trata-se, portanto, de uma ruptura com a visão tradicional da maternidade compulsória.

Esses desdobramentos ampliados nos modelos descritos de felicidade, amor, performance materna tendem a produzir sofrimento psíquico, contribuindo para o aumento de quadros como ansiedade, depressão pós-parto e outras formas de angústia, sustentadas pela culpa e pelo silenciamento das ambivalências frente às normativas e injunções sociais, tal como sugerido por Russell *et al* (2020).

Huddleston *et al* (2024) demonstraram que a associação entre redes sociais e a busca por informação de especialistas e médicos nessas plataformas durante a gestação estava associada a um aumento na ansiedade e sintomas de estresse no final da gestação e que profissionais de saúde deveriam estar preparados quanto ao aconselhamento sobre o uso dessas plataformas digitais em se tratando de busca por informação. Kiliç e Ukol (2024) demonstraram em seus resultados que quanto mais as mães compartilhavam fotos de seus filhos, mais isso demonstrava o quão insatisfeitas estavam com suas vidas e que essa atitude estava relacionada com sintomas de depressão. O mesmo estudo também levanta a importância de informar famílias e em especial mães sobre os potenciais prejuízos quanto ao uso das redes sociais.

Enquanto a normativa social estabelece o roteiro do que é culturalmente tido como adequado, em posts de mães perfeitas, que fortalecem o modelo idealizado da “boa mãe”, a injunção opera como o comando que intima cada sujeito a conformar-se aos modelos e a impossibilidade de exercer, sentir e principalmente se ver em um reflexo de maternidade inalcançável. Assim, enquanto a normativa delinea o percurso; a injunção constrange o sujeito a percorrê-lo, a exemplos podemos citar: mães que escolhem amamentar e mães que se envergonham ou sentem culpa e fracasso por não conseguirem e oferecem fórmula ou ainda, mães que no pós-parto se envergonham ou sentem culpa por não terem “conseguido” o parto normal e passaram por uma cesárea, quase como se essas “conquistas” aqui em aspas definissem a identidade materna, como entendido por Russell *et al* (2022). Segundo Conaboy (2024, p. 115), o parto e a lactação, bem como o grau de trauma ou de apoio vivenciado pela mulher durante esses processos, influenciam a experiência do pós-parto e o cérebro parental, embora nenhum desses fatores seja rigorosamente determinante para o desenvolvimento da parentalidade.

A autoimagem está diretamente associada à autoestima e, conseqüentemente, ao contentamento pessoal. As redes sociais potencializaram uma cultura de corpos perfeitos. Segundo Iaconelli (2019, p.26), a pressão social para que as mulheres recuperem rapidamente o corpo pré-gestacional pode contribuir para o sofrimento psíquico, ao desconsiderar que, no pós-parto, grande parte de seu tempo e energia é direcionada aos cuidados com o bebê. Segundo Haberland *et al* (2023) “O sujeito-mãe exerce seu papel no modelo materno sob a expectativa de boa mãe”, manifestando a necessidade de exposição, comprovação e reafirmação constantes. As postagens nas redes sociais materializam esse processo, funcionando como instrumento de construção da identidade materna.

As sugestões veiculadas pelas redes sociais fazem com que a mulher só se sinta legitimada no papel de mãe se seguir os cuidados com o corpo em um processo contínuo de vigilância, investindo na forma de cuidar de si e do outro.

A subjetividade está em constante metamorfose e relaciona-se com as experiências que o indivíduo tem de si mesmo, a partir de sua história e das verdades que constitui para si. Tais verdades estão atreladas a fatores históricos que foram aprendidos em um processo contínuo de mudança e adaptação.

Segundo Haberland et al (2023) “As redes sociais criaram códigos morais a partir dos quais as mulheres passam a relacionar-se consigo mesmas”, para tornarem-se aquilo que é validado como uma boa mãe.

Entende-se como imperativo materno, de um modo geral, o mandato cultural e subjetivo que impõe à mulher a maternidade compulsória, associando sua identidade, realização e valor social à maternidade e a forma como “ela deve” enxergar seu corpo, como deve gestar, parir, nutrir, criar e cuidar dos filhos, a partir de ideais muitas vezes inalcançáveis, inclusive de amor, silenciando as ambivalências que fazem parte do processo de ser mãe, mas não são aceitas socialmente. Entende-se aqui como ambivalência o sentimento que muitas vezes é percebido como culpa, mas que é totalmente esperado na maternidade como amar um filho, mas não gostar da função materna ou ainda, amar os filhos e ser atravessada pela raiva que se tem deles em certas circunstâncias; amar, mas arrepender-se de ser mãe. São todos atravessamentos possíveis, mas não ditos, conforme nos pontua Badinter (2024, p. 16) quando nos sinaliza que as fantasias de amor e felicidade com a maternidade, se contrapõe com a realidade do cotidiano com o bebê, que é atravessado pelo cansaço, frustração, solidão e culpa.

As redes sociais apresentam um caráter ambivalente, podendo funcionar tanto como espaço de apoio quanto de julgamento. Nesse sentido, destaca-se que elas “podem ser um lugar de acolhimento, mas também um local de comparação, opressão e julgamento” (BONESSO; AURIANI, 2022, p. 60), evidenciando seu impacto direto na subjetividade das mães.

Por outro lado, a literatura também aponta para a importância das redes, não apenas digitais, mas sociais, no enfrentamento das dificuldades maternas. De acordo com Jesus, Jucá e Barbosa (2014), as redes de apoio configuram-se como fundamentais para que mulheres em sofrimento psíquico consigam sustentar o exercício da maternidade, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

Para as mulheres, essas plataformas desempenham um papel central na forma como elas se constroem, avaliam e vivem suas identidades e autoimagem, que é a imagem que se faz ou se imagina sobre si mesmo, sendo a base da autoestima. Ao mesmo tempo, as redes reforçam padrões e expectativas, criam ideais de beleza irreais e provocam alterações na percepção da imagem corporal, intensificando inseguranças preexistentes. E por isso as mulheres são as maiores vítimas do impacto das redes sociais, pois preocupam-

se demasiadamente com a imagem que transmitem e são elas que mais utilizam as ferramentas digitais (VIEIRA, 2019).

Nesse Universo, a cultura da imagem influencia negativamente a vida das mulheres, pois exige uma personagem impossível de alcançar, tornando-as, muitas vezes, insatisfeitas consigo mesmas e ansiosas. A saúde mental é diretamente afetada nesse contexto, com quadros de ansiedade e depressão, pois os fatores comportamentais também influenciam, de acordo com os critérios de diagnóstico do DSM-5, como descrito nos resultados aqui apresentados.

Para Haberland et al (2023), “as mídias sociais estão cada vez mais presentes na construção da maternidade”. Elas determinam modelos de maternidade a serem seguidos, a maneira com que buscam aceitação nesse meio e a forma como serão conduzidas durante a gravidez (parto, puerpério, gestação), atuando e interferindo na maneira como se constituirão mães. O mesmo artigo remete ao pensamento de Foucault (2003. P.39) sobre a postura normalizante, que se aplica às mães quando são reguladas em diversos espaços, especialmente nas mídias, como a “mãe modelo”, a “boa mãe”, autorizando a distribuir conselhos da vida, influenciado e algumas vezes reforçando imperativos.

Embora o período gestacional termine com o parto, a condição de mulher-mãe perdura por toda vida, e novos saberes continuarão a direcionar o “ser mãe” na vida, tornando-a permanentemente responsável por seu corpo, sua vida e pelo corpo e a vida da criança. E esses novos saberes surgem num momento em que figuras públicas (atrizes, modelos, influenciadoras) ditam as regras de uma boa mãe a ser seguida, exibindo uma realidade distante da vivida por milhares de mulheres comuns, tornando quase impossível ser essa “boa mãe” imposta. Elas não buscam informações nas redes por considerá-las essenciais para o cuidado consigo e com o bebê, mas escolhem determinados comportamentos por se sentirem confiantes com a imagem de pessoas famosas ou da reprodução de certas condutas (HABERLAND, BERNARDES, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreendermos o contexto do presente estudo é necessário entender o contexto histórico da comunicação e interação do indivíduo, onde no passado as influências eram determinadas de pais para filhos com os seus saberes tradicionais. Com a evolução da tecnologia surgiram novas formas de comunicação e influências, com as revistas, jornais e TV. Com o surgimento das redes sociais e o uso de ferramentas como Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, mudaram a forma como as pessoas interagem, conferindo poder de distribuição e exposição de informações. Esse fenômeno acaba influenciando as tomadas de decisão, em diversas esferas, desde o vestuário às mudanças de comportamento, alterando, inclusive, a forma como a mulher se enxerga no mundo.

As redes sociais tornaram-se a arena privilegiada onde os imperativos da “boa mãe” são atualizados, amplificados e monetizados via algoritmos de uma vida “digital”. Não se trata apenas de um novo canal para velhos discursos; trata-se de uma mudança qualitativa na forma como a subjetividade materna é produzida. O feed infinito de imagens de corpos que “se recuperam” em tempo recorde, de casas imaculadas com bebês de sorriso sereno, de rotinas que conciliam aleitamento exclusivo, atividade física e carreira de sucesso, compõe uma estética da perfeição que interdita a ambivalência. No papel de mãe, a mulher busca exercer um modelo materno que se torna um modo de subjetivação, uma conduta que requer aprovação. Por isso, é comum a exposição por meio de fotos nas redes sociais, postagens do dia-a-dia, opiniões e sugestões, que vão desde o preparo para a gravidez até pós gestação, na criação e educação dos filhos. Muitas assumem a posição de personalidades a serem valorizadas e buscam um alto número de seguidores. A mulher que se descobre exausta, frustrada, desejante de outros destinos que não o cuidado ininterrupto, encontra nessa vitrine algorítmica não o espelho acolhedor de sua complexidade, mas a confirmação implacável de sua suposta falha. Nessa nova forma de interagir com o mundo, também se percebe em uma dinâmica de submissão com cirurgias plásticas, dietas, exercícios físicos, cosméticos, roupas da moda, para estar cada vez mais encaixada nos padrões impostos pelas influenciadoras do mundo digital, principalmente quando se compara com essas influenciadoras que, num curto espaço de tempo, alcançam o corpo ideal imposto nesse meio.

A autoestima materna passa a ser modulada por métricas de comparação (curtidas, seguidores, comentários) que reduzem o vínculo subjetivo com o filho a uma performance pública, onde o público e o privado se misturam e trazem consequências quando o público passa a ocupar o lugar subjetivo de identidade e produção de conteúdo visto, mas não sentido como verdade, ou pior, quando o que se experiencia como verdadeiro deixou de ser da ordem do humano possível e passa ser o perfeito do digital e das redes.

Ao mesmo tempo seria injusto não considerar a importância que essas mesmas redes sociais tiveram enquanto papel histórico de denúncia de violências obstétricas e na quebra do silenciamento que encobria o puerpério. Pela primeira vez, mulheres puderam narrar em primeira pessoa a episiotomia não consentida, a violência psicológica na sala de parto, a depressão pós-parto que não ousavam dizer seu nome. Movimentos como #partocomrespeito e a explosão de relatos sobre a dureza do pós-parto e o esgotamento, romperam discursos oficiais e midiáticos tradicionais, criando redes de apoio e legitimando dores que antes eram vividas como culpa privada. Essa potência coletiva retrata uma maternidade falada pelas próprias mães, fora do jugo dos poderes normativos e injunções sociais e dos especialistas que historicamente as definiram.

Contudo, o que este estudo argumenta é que há uma distância considerável e, talvez intransponível nos termos atuais, entre essa potência de denúncia e a efetiva construção de um espaço acolhedor para a subjetividade materna longe dos algoritmos. O que acontece quando o algoritmo se apropria inclusive dos relatos de violência, transformando-os em

nicho de conteúdo e empurrando para a mesma mãe vulnerável anúncios de cursos, terapias e produtos? Talvez um tema para um próximo estudo.

A lógica não humana da mediação algorítmica, baseada em predição, retenção e monetização, não consegue abarcar a ética do cuidado que está no cerne do devir materno.

O desafio que se coloca, portanto, não é de abandono das redes, mas de uma crítica radical à sua arquitetura. Enquanto a maternidade for matéria-prima para um engajamento que envolve inúmeros influenciadores, especialistas e pseudo-especialistas, talvez continue sendo o palco para o espetáculo. Diante dessa realidade, estaremos a passos distantes de um espaço onde a ambivalência, a interrupção e o cuidado possam existir sem a obrigação de se tornarem conteúdo. Profissionais de saúde, como Huddleston *et al* (2024) e Kiliç e Ukol (2024) sugerem a necessidade de se preparar para acolher essa mulher não com mais prescrições, mas com uma escuta que tolere o que o algoritmo não tolera: a dúvida, o cansaço, o desejo conflitante e especialmente orientá-las em termos de psicoeducação quanto aos riscos do uso.

Diante desse cenário, torna-se evidente que as redes sociais, ao mesmo tempo que oferecem suporte e sensação de segurança por pertencer a um universo onde todas expõem suas vidas buscando apoio e aceitação, atuando como poderosos instrumentos de regulação e identidade feminina e materna, por outro lado pode aprisionar as mulheres em um ciclo de comparação, culpa e adoecimento psíquico.

Resistir à subjetividade materna homogênea imposta pelas redes sociais é, em última instância, um ato de saúde pública e de emancipação feminina, mas só será possível quando formos capazes de sustentar que há algo na experiência humana do cuidado que escapa a qualquer tradução em código.

O rompimento com a tentativa de se adequar a um padrão inatingível constitui o primeiro passo no processo de aceitação. Buscar o autoconhecimento, revela-se, portanto, o objetivo principal para que as mulheres possam encontrar o equilíbrio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Simone Cristina Gonçalves. *et al*. A influência das Redes Sociais na Constituição da Auto Imagem Feminina: Um Olhar Psicanalítico. **Revista Libero Americana de Humanidades, Ciência e Educação**, São Paulo, v. 11, n. 7, p. ISSN: 2675-3375, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20501>. Acesso em 24 abr. 2026.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA, **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**, 5 ed., Porto Alegre: Artmed. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/96657644/DSM_5_Atualizado_Portugu%C3%AAs_DSM_5_TR_American_Psychiatric_Association. Acesso em 28 abr. 2026.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O Conflito**: A mulher e a mãe. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2024. *E-Book*.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1967. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/o-segundo-sexo-2.pdf>. Acesso em 30 abr. 2026

BONESSO, Carolina de Figueiredo; AURIANI, Marcia. A Romantização da Maternidade nas Redes Sociais: Impacto psicológico, opressão de gênero e idealização. **Revista Arte 21**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 60-80, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.belasartes.br/arte21/article/view/431>. Acesso em 25 abr. 2026.

BUTLER, Judith. **Os sentidos do Sujeito**. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica. 2021

CONABOY, Chelsea. **O Mito do Instinto Materno**: Como a neurociência está reescrevendo a história da parentalidade. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2024. *E-Book*.

HABERLAND, Débora Fernanda; BERNARDES, Anita Guazzell. Construção Mulher-Mãe: Dispositivos que envolvem maternidade, mídia e seus movimentos atuais. **Revista Psicologia em Estudo**, Campo Grande/MS, v. 28, p. e54143, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/qpNNfsf9XFdX8rJXYFvCrhm/?format=html&lang=pt>. Acesso em 25 abr. 2025.

HUDDLESTON, Riley. *et al.* **A associação entre o uso de mídias sociais para informações médicas durante a gravidez e a saúde mental materna no final do terceiro trimestre**. The association between social media for medical information during pregnancy on maternal mental health at the end of the third trimester. *Journal of Affective Disorders*, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12436570/>. Acesso em 28 abr. 2026.

IACONELLI, Vera. **Criar filhos no século 21**. 1 ed. São Paulo: Contexto. 2019. *E-Book*.

IACONELLI, Vera. **Manifesto Antimaternalista**: Psicanálise e políticas da reprodução. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. *E-Book*.

JESUS, Carla Mariana Souza de; JUCÁ, Vlândia Jamile dos Santos; BARBOSA, Adilane dos Santos. Maternidade, sofrimento psíquico e redes sociais. **Revista Epos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2014000200006. Acesso em 25 abr. 2026.

KILIÇ, Betül Orhan; KILIÇ, Serhat; ULUKOL, Betul. Exploring the relationship between social media use, sharenting practices, and maternal psychological well-being. **Revista Science Direct**, França, v. 31, n. 8, 2024. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0929693X24001131?via%3Dihub>. Acesso em 30 abr. 2026.

PUTNAM, EL. *The maternal, digital subjectivity, and the aesthetics of interruption*. New York: Bloomsbury Academic, 2022. *E-book*.

RUSSELL, Pascale Sophie. *et al.* The role of emotions and injunctive norms in breastfeeding: a systematic review and meta-analysis. **Health Psychology Review**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 257–279, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/17437199.2021.1893783?needAccess=true> Acesso 30 de abril de 2026.

VIEIRA, A. G. A. **Instagram**: Possíveis influências na construção dos padrões hegemônicos de beleza entre mulheres jovens. Monografia (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/CEUB_e7addda93c15f5c2043098dcf7801a7d. Acesso em 10 set. 2026.

Recursos áudio visuais:

TECNOLOGIAS da identidade: O self digital e o vazio existencial. Entrevistado: Silvio Meira. Produção: Instituto CPFL e Fundação Padre Anchieta, [S. l.], nov. 2025. 1 vídeo (125 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZHfi0XBuCJE&t=1750s>. Acesso em 27 abr. 2026.